

Do singular ao plural: pensar e operar a multiplicidade temporal na/da história

SALOMON, Marlon (org.). Heterocronias: estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos. Goiânia: Ricochete, 2018

Maicon da Silva Camargo
Doutorando em História
Universidade Federal de Goiás
maiconcamargo.msc@gmail.com

Recebido em: 18/12/2019
Aprovado em: 20/01/2020

[...] o tempo é quanto dura um pensamento –
Clarice Lispector, Água viva.

Heterocronias: estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos, lançado em 2018, é um livro que apesar de suas muitas vozes possui uma sintonia. Aliás, é uma obra que através de suas muitas vozes alcança a sintonia. O livro é composto por doze estudos, uma entrevista com o filósofo Jacques Rancière e a tradução de um texto de Bachelard, ainda inédito em língua portuguesa – um dos inauguradores deste problema da multiplicidade temporal. Ao todo, são quatorze vozes diferentes ressoando; de historiadores e filósofos, brasileiros e estrangeiros.

A obra contrapõe-se a uma imagem-identidade de tempo já criticada pela filosofia e pela história desde o entreguerras, no entanto, essa crítica será mais desenvolvida na história a partir das décadas de 1970 e 1980, e que persiste ainda em ser pensada em diversos campos do saber dessa mesma maneira: um tempo fluido, linear, contínuo, cumulativo, sincrônico, único, progressivo. Seus estudos evidenciam a realidade de um tempo pensado, sentido e vivido como um tempo múltiplo, plural, descontínuo, desordenado, não-homogêneo, não-linear.

A obra, tanto em conteúdo quanto em forma, apresenta e produz uma mesma imagem múltipla/heterocrônica de tempo. Como conteúdo, a multiplicidade aparece no livro como modo de pensar o tempo, de caracterizá-lo, o que afeta também o modo como se pensa e se pratica a historiografia. Como forma, a multiplicidade se dá por sua pluralidade de vozes e perspectivas distintas. Não se trata simplesmente da reunião de vários estudos sobre o tempo. A pluralidade de vozes aparece e evidencia a pluralidade de caminhos possíveis que se abrem quando se passa a

refletir e operar tempos múltiplos. A multiplicidade temporal implica também em uma descentralização do pensamento de uma ou outra perspectiva. Isto possibilita e permite a emergência da pluralidade de saberes, escritas, sujeitos, teorias, métodos e epistemologia (SANTOS, 2010).

Até mesmo nos elementos gráficos da obra, percebe-se o empenho na construção de uma imagem para esse tempo plural. A capa com o título sendo inscrito de maneira repetida em círculos concêntricos que parecem mover-se em direções contrárias. A contracapa repete o design da capa, acrescentando-se inúmeras linhas que parecem sair de um centro, não de reunião, mas de um espaço de explosão/implosão; linhas sem começo nem fim. Notas de rodapé que fogem ao formato padronizado do “Justificado” e utilizam o “Alinhar à Esquerda” deixando a margem direita desalinhada, desordenada. Todos esses detalhes materiais, pensados através de imagens-identidades que esforçam-se em traduzir uma ideia de tempo que, para além de certa filosofia, literatura ou historiografia, está também presente na forma como o homem contemporâneo relaciona-se, vive e experimenta o tempo.

Imagem de tempo que pode ser pensado assim como descrito por Bachelard: “um círculo que não é de modo algum vicioso, mas que gira nos dois lados” (BACHELARD, 2018, p. 354). Círculos concêntricos em movimentos rotacionais que rompem com a ideia de um tempo linear, evolutivo e progressista e também com o tempo circular presente nos mitos. Círculos que se alargam e modificam-se evidenciando a qualidade movente e transformadora de um tempo que pode ser pensado por sua repetição e sua novidade, um tempo que se modifica através daquilo que acumula, mas que não é um simples depósito, ao contrário, um tempo que produz e instaura a diferença e a novidade.

Desse modo, ao trabalhar, em forma e conteúdo, a pluralidade temporal, *Heterocronias* coloca, de forma estética, ou literária, o problema das múltiplas temporalidades ao pensamento contemporâneo e, especialmente, ao historiador, cujo ofício envolve ser um artesão do tempo. Colocar o problema de forma estética, como analisa Jacques Rancière, significa não um mero esforço de ornamento textual, mas de buscar na própria racionalidade através da qual um discurso é construído, os problemas que ele busca resolver, bem como os modos como esse problema é pensado no interior de sua discursividade (RANCIÈRE, 2011).

O título, *Heterocronias*, faz referência ao conceito cunhado em 1874 pelo biólogo Ernst Haeckel e, posteriormente, ressignificado pelo biólogo Gavin Beer para referir-se aos processos evolutivos dessincronizados que, em lugar de um processo gradual, contínuo ou ininterrupto, há

descontinuidades e diferenças de ritmos (SALOMON, 2018, 15). Essa alusão, embora ainda pouco utilizada nas ciências humanas, ajuda-nos a pensar um tempo que irrompe em uma multiplicidade de tempos.

Há, aqui, uma curiosa ironia. A ideia de raça, amplamente utilizada para se pensarem as diferentes culturas, é um conceito que foi deslocado das teorias da evolução para o campo das ciências humanas. Ao longo dos séculos XIX e XX, tal conceito justificou várias políticas imperialistas, genocídios e etnocídios. Este conceito possui uma concepção de história e, portanto, de tempo, bem definida: linear, contínua e evolutiva (LÉVI-STRAUSS, 2017). As diferentes culturas e raças humanas encontravam-se em diferentes estágios da evolução. A simultaneidade da multiplicidade do homem foi tomada como não-contemporaneidade. O tempo cunhado na teoria da evolução clássica refletia o tempo presente na filosofia da história do historicismo e dos determinismos. Todavia, o próprio avanço das teorias evolucionistas, ao perceber a multiplicidade temporal no interior dos processos evolutivos, ao pensar as heterocronias, rechaça essa imagem de tempo linear que outrora justificava e endossava os estudos sobre as sociedades humanas pensadas de forma hierárquica e evolutiva.

Heterocronias possibilita ao leitor perceber um tempo com múltiplas linhas de temporalidades. Um tempo multiforme para além do passado, presente e futuro que se unem em um eixo comum, o tempo, tal como alguns historiadores dos *Annales* o pensou e o operacionalizou (FEBVRE, 2009). A ruptura deste tempo que se assemelha a duração/eternidade em inúmeras temporalidades. Diferente de um tempo tal como desenvolvido por Lucien Febvre, único que, como a atmosfera, engloba a todos, encontramos, em seu lugar, um emaranhado de diferentes processos, períodos, narrativas, camadas de tempo que se sobrepõe e se compõe (KOYRÉ, 2010).

Tempo desordenado, o que não implica a impossibilidade de sua racionalização, afinal, o próprio Bachelard (2007) pensou a multiplicidade temporal de modo racionalista. No entanto, tal tempo apresenta-se como crítica a certa racionalidade, ao empirismo, realismo, idealismo e com a filosofia clássica de um modo geral, de forma a conectar-se com o pensamento pós-colonial e pós-guerras. O tempo, assim, não pode mais ser pensado através do esquema newtoniano e de sua causalidade. A física quântica revelou um tempo relativo e ofereceu racionalidades através das quais tal tempo poderia ser pensado e operacionalizado. Não gratuitamente, a multiplicidade temporal apareceu primeiramente entre os estudiosos da epistemologia e da história das ciências do que entre os historiadores, preocupados, nesse mesmo período – o entreguerras – com a fundação da

cientificidade de sua disciplina, todavia, baseados em uma noção de ciência que nem mesmo as ciências da natureza apoiavam-se mais (SALOMON, 2018, 142-166).

A apresentação do livro, feita por seu organizador Marlon Salomon, bem como o capítulo escrito por Enrico Gattinara, situam o leitor de como o problema da multiplicidade temporal entrou na história e como ele afetou a produção de saber de diversas disciplinas. Os capítulos escritos por Fábio F. de Almeida, Marlon Salomon, Antoine Lilti e Silvia Caianiello, estudaram como o tempo foi pensado no interior da disciplina da História, especialmente pelos *Annales*, bem como as consequências epistemológicas dessa postura. Em especial, apesar de os historiadores do período se esforçarem para salvar o tempo do caos da multiplicidade, a filosofia, a história das ciências e a epistemologia estavam mais atentas e abertas para pensar a pluralidade do tempo e, nesse sentido, trouxeram contribuições profícuas para o pensamento histórico.

Deslocando as discussões do terreno francês, Afonso Iacono analisa como a multiplicidade temporal está presente na forma como o historiador italiano Arnaldo Momigliano pensou e fez história. Para Iacono, há, nessa concepção de tempo e de história de Momigliano, uma crítica ao pensamento alemão e à concepção de história de Hegel, oferecendo, assim, um caminho para se pensar o tempo e a história que atende às demandas criadas após a derrota dos nazistas e aos processos de descolonização. Sérgio da Mata analisa a multiplicidade do tempo na antropologia e na sociologia através das contribuições do alemão Arnold Gehlen, apresentando, por meio de sua perspectiva, uma crítica à concepção de tempo de François Hartog (2013) e evidenciando o que estaria, de fato, na concepção de tempo de Koselleck (2006). O capítulo desenvolvido por Helge Jordheim percebe que a multiplicidade temporal foi comumente pensada como camadas e estratos de tempo. Estas são imagens retiradas da geologia e que são amplamente utilizadas por historiadores tais como Koselleck, Hartog, Braudel e Krzysztof Pomian – inclusive, neste livro, Eugênio Carvalho analisa a concepção de tempo no pensamento deste último. Assim, Jordheim analisa as obras do italiano Nicolaus Steno (1638-1686), considerado um dos fundadores da geologia, para aprofundar os sentidos dessa imagem-concepção de tempo.

Em seu texto, Peter Pelbart, partindo de uma perspectiva deleuziana, estuda a multiplicidade temporal como uma sensibilidade esquizofrênica, louca ou irracional, presente no interior das artes e de nossa experiência temporal cotidiana. Estevão Martins também contribui com um estudo que evidencia que a experiência da multiplicidade temporal está presente nas nossas vivências cotidianas antes mesmo que na história ou filosofia. Nesse sentido, o estudo de Durval Muniz ilustra bem como uma sensibilidade, a saudade, evoca diversas temporalidades. O estudo

dele exemplifica como entender e aceitar a multiplicidade temporal enriquece o conhecimento produzido pela história.

O tempo é, portanto, uma das questões centrais para o pensamento, pois, mesmo quando ele não é objeto de investigação, ele é condição de existência para o pensamento. *Heterocronias* traduz um esforço de historicizar um problema que há quase um século a história, com raras exceções, vem adiando: as multiplicidades temporais. Um esforço em evidenciar que as subjetividades contemporâneas não podem mais ser pensadas, ou pensarem seus objetos, através de um tempo uno, singular e homogêneo. Uma obra que colabora com todos os filósofos e pesquisadores das ciências humanas e sociais, pois todos esses lidam, com e/ou no tempo.

Nosso mundo é heterocrônico. Quanto maior for nossa consciência dessa experiência temporal e nossa habilidade em manipular a multiplicidade temporal, maior será a contribuição de nossa prática intelectual/historiográfica para a construção de saberes que se aproximam da vida e que são capazes de oferecer instrumentos que nos possibilitam pensar, destruir e construir novas categorias, saberes, práticas, instituições e realidades.

Referências bibliográficas:

- BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. Lisboa: Versus, 2007.
- BACHELARD, Gaston. A continuidade e a multiplicidade temporal. In: SALOMON, Marlon (org.). **Heterocronias: Estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos**. Goiânia: Ricochete, 2018, p. 354.
- FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI: A religião de Rabelais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- HARTOG, François. **Croire en l'histoire**. Paris: Flammarion, 2013.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ, 2006.
- KOYRÉ, Alexandre. Filosofia da história. In: SALOMON, Marlon. **Alexandre Koyré, historiador do pensamento**. Goiânia: Ricochete, 2010.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e história. In: _____. **Antropologia estrutural II**. São Paulo: Ubu Editora, 2017, p. 337-376.
- RANCIÈRE, Jacques. O conceito de anacronismo e a verdade do historiador. In: SALOMON, Marlon (org.). **História, verdade e tempo**. Chapecó: Argos, 2011, p. 21-50.
- SALOMON, Marlon. Heterocronias (Apresentação). In: _____. (org.). **Heterocronias: Estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos**. Goiânia: Ricochete, 2018, p. 8-38.
- SALOMON, Marlon. Temporalidade história em Lucien Febvre e Alexandre Koyré. In: _____. (org.). **Heterocronias: Estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos**. Goiânia: Ricochete, 2018, p. 142-166.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS; MENESES (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.